

- Brasília - fotos de Gilberto Alves



Moreira Lima relatou reunião a Ulysses

Ministros militares querem 5 anos mas acatam Constituinte

BRASÍLIA — Na mesma quinta-feira em que se reuniram para almoçar no Quartel-General do Exército e proclamar sua preferência pelo mandato de cinco anos para o presidente José Sarney, os ministros militares começaram a mandar missões de paz ao deputado Ulysses Guimarães de modo a deixar bem claro que não pretendem arrancar a soberania da Constituinte.

Coube ao ministro da Marinha, almirante Henrique Saboya, procurar Ulysses na noite de quinta-feira para lhe dizer que os ministros militares não estão preocupados com a duração do mandato que a Constituinte dará a Sarney, mas com as consequências que, na opinião deles, uma eleição presidencial realizada este ano poderia ter. Ontem foi a vez do ministro da Aeronáutica, brigadeiro Octávio Moreira Lima — que na quinta-feira foi o porta-voz dos chefes militares —, procurar Ulysses. Antes de receber Moreira Lima, o presidente da Constituinte teve uma conversa com o chefe do SNI, general Ivan de Souza Mendes.

Esse comportamento não é novo. Em agosto passado, a uma tentativa muito mais espetacular de interferir nas decisões da Constituinte seguiu-se a mais cordial das visitas. O personagem de ambas foi o ministro do Exército, general Leônidas Pires Gonçalves.

Mão dupla — No dia 27 de agosto, deu um soco na mesa durante reunião do presidente com seus ministros, denunciando que a Constituinte estava sendo conduzida por uma minoria radical e não por representantes da vontade da maioria da nação. No dia seguinte, aparecia sorridente em visita a Ulysses e ao senador Afonso Arinos, um dos mais ardentes defensores da soberania da Constituinte.

O sistema funciona em mão dupla. Há duas semanas, Ulysses Guimarães referiu-se aos integrantes da Junta Militar que editou a Constituição de 69 como "os três patetas". A resposta foi comedida e a prestações. Primeiro, o general Leônidas salvaguardou, em nome da solidariedade corporativa, os bons propósitos dos três oficiais-generais atingidos, considerou injustas as declarações de Ulysses e atribuiu-as a um lapso.

Dias depois, pronunciou-se sem maior contundência o brigadeiro Moreira Lima. Ainda mais alguns dias e foi a vez do almirante Saboya, que se desculpou pela demora: estava de férias. Tradução: o assunto não era tão grave que pudesse provocar uma interrupção das férias do ministro. Para culminar, Ulysses foi recebido muito cordialmente, uma semana depois de ter falado em "três patetas", pelo general Ivan.

Paralisa — A preocupação dos ministros militares transmitida pelo almirante Saboya a Ulysses vai além da questão do mandato de Sarney. Saboya, como revelou um parlamentar ligado a Ulysses, fez-lhe detalhado relato da discussão dos chefes militares no almoço de quinta-feira. "O problema não é quatro ou cinco anos, o problema é econômico, é a necessidade da reorganização legal do país depois da Constituinte", disse.

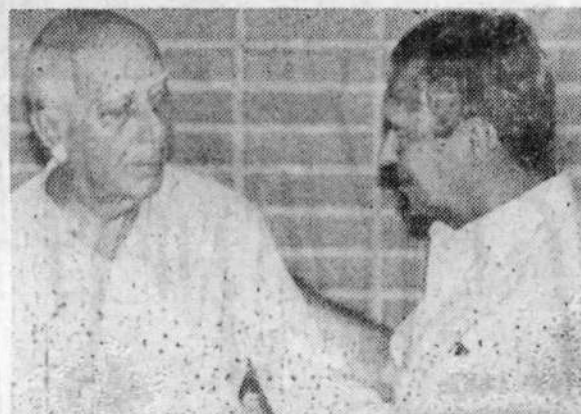
No raciocínio dos militares, a Constituinte, na melhor das hipóteses, ficará pronta em maio. Se marcar eleições para novembro com dois turnos, a primeira rodada terá de ser realizada em outubro. Haverá pouco tempo para se reorganizar toda a legislação em função da nova Constituição.

O ministro citou a preocupação dos chefes militares com a adaptação das decisões da Constituinte, que as assembleias legislativas terão de realizar em poucos meses. O próprio Ulysses reproduziu ontem o que lhe transmitiu Saboya na noite de quinta-feira: "Temem os militares que as assembleias abandonem a tarefa de fazer as constituições locais e se engajem no processo eleitoral". Com isso, permaneceriam, em época de crise econômica e inflação, as incertezas que paralisam investidores nacionais e, mais ainda, estrangeiros.

Golpe, não — Na conversa, segundo um parlamentar ligado a Ulysses, o ministro Saboya não chegou a falar em risco de intervenção militar. Ontem, ao ser questionado por um amigo sobre a possibilidade de haver golpe de Estado, Saboya respondeu: "Ninguém, mas ninguém mesmo, pode dizer que as Forças Armadas tiveram qualquer intervenção no processo político ao longo deste três anos. Sempre manifestamos nossas opiniões, mas não há um único brasileiro que possa dizer que os militares foram além disso. Nunca pressionamos ninguém."

A esse mesmo amigo, o ministro Saboya adiantou: para que não se crie a expectativa de que os militares poderão intervir, como ocorreu no passado, se sua posição não for acatada, os ministros militares vão evitar fazer declarações públicas daqui para a frente.

Ontem à tarde, depois de 40 minutos de conversa com Ulysses, o brigadeiro Moreira Lima reafirmou a posição dos militares a favor dos cinco anos, mas fez a ressalva: "É inquestionável que qualquer decisão da Constituinte será acatada". Segundo o ministro, o temor dos chefes militares é a paralisação do país. "Deflagrada a campanha eleitoral, acabam as negociações externas e os investimentos internos são congelados", argumentou.



Ulysses conversou com o general Ivan